

# Quando o Impôsto mata o Impôsto

JEAN MAURICE LAYOLLE

VIVEMOS numa época em que as guerras sucessivas contribuíram para transtornar regras consideradas até então como ditadas por elementar sabedoria, e em que todos os países, enredados de perto ou de longe nos conflitos, lhes sofrem as conseqüências, quer diretas porque a Economia Mundial foi transformada, quer indiretas, visto os hábitos de má gestão, nascidos durante as guerras, a estas sobreviverem.

É que as despesas subseqüentes às guerras modernas são tais que nenhum país é bastante rico para financiá-las apenas com seus rendimentos rotineiros. Enquanto lutam, pensam somente em ganhar; para chegar a isso, gastam sem contar, tomam emprestado, emitem papel-moeda; terminados os combates, fazem o balanço e descobrem-se à beira da falência, ao passo que o vencido se encontra muito mais empobrecido para que dêle se possa exigir o reembolso das despesas: a guerra não paga mais.

Assim aos homens de Estado e aos legisladores se deparam problemas financeiros difíceis de resolver; à medida que as despesas ultrapassam largamente as receitas, torna-se necessário ou procurar no país as fontes necessárias para o restabelecimento do equilíbrio, ou bem tomar emprestado ao estrangeiro, dando, porém, nesse último caso, garantias necessárias de restabelecimento de finanças sadias.

E' indubitável que as melhores soluções eram difíceis de descobrir; o menos que se possa dizer dos governantes e dos legisladores da maior parte dos países, é que eles não conseguiram isso.

A vida corrente oferece, entretanto, cada dia, o exemplo das regras benéficas e igualmente válidas para gerir convenientemente um Estado.

Se um lar, sem nenhum conhecimento de economia política ou de altas finanças, mas dotado de um pouco de bom senso, atingir difícil situação financeira, por exemplo, após doenças graves, ou a perda de dinheiro, e se compenetra de que os encargos de família ultrapassam os seus recursos, seu primeiro cuidado será verificar que despesas podem ser reduzidas, até mesmo suprimidas, fazendo-se, ao mesmo tempo, o maior esforço para que as despesas não ultrapassem as receitas; em seguida só se procurará, se é possível, ganhar mais para melhorar a situação.

O que qualquer chefe de família faz por instinto, os legisladores, que representam, entretan-

to, uma solução, jamais puderam decidir-se a fazer, não por ignorância, mas porque não se saberia reduzir os gastos sem descontentar tal ou qual categoria de eleitores, e, como o maior problema rão é administrar bem, mas fazer-se reeleger (pelo menos para muitos), acrescentam-se muitas vèzes despesas ao orçamento dos Estados, e jamais se superimem.

Se acontecer que a forma de Estado Democrático desaparecer do mundo, porque o Homem não a tenha merecido, poder-se-á fazer-lhe o seguinte epitáfio:

Aqui jaz a Democracia, a Demagogia matou-a.

Como é preciso, apesar disso, fazer alguma coisa para prolongar a ilusão e apresentar orçamentos que dêem a impressão de equilíbrio, visto que, além disso, não se pode decidir a gastar menos, resta apenas uma solução: aumentar as receitas.

O mais modesto comerciante, se se encontra no mesmo caso e tem bom senso, compreende que não saberia ser questão de aumentar cegamente o preço das mercadorias sem arriscar-se a vender menos e a ver suas entradas diminuir: então, para aumentar suas receitas, êle se esmerará em desenvolver suas vendas.

O Estado é o sócio de cada um, interessado no montante de negócios primeiramente, em seguida nos lucros; se êle raciocinasse como comerciante clarividente, admitiria que o único meio de aumentar a sua parte é a intensificação do movimento de negócios. Sim, mas para aí chegar, necessário seria produzir mais, favorecer as saídas de novos produtos, decidir cada um a trabalhar mais; tudo isso exige esforço, perseverança, e pregar o esforço não é bom meio de tornar-se popular.

Ora, sente-se que, aumentando os impostos, a massa não reage, ela sempre tem a impressão de que é o rico que pagará, sem compreender que o encarecimento que sobrevirá, as crises que frearão os negócios, farão do povo a principal vítima; emprega-se, então, o meio simplista, tanto pior se nada vale, porquanto é momentânea ilusão de ótica, isso basta. O Estado recebia Mil, sob a forma de impostos, mas despendia Dois Mil; elevada a taxa dos impostos, está exposto o estrategema.

Sim, mas, infelizmente, a Lógica conserva suas regras imutáveis e como o teria facilmente

previsto o mais simples dentre os cidadãos, acrescentando-se o impôsto ao impôsto, o preço das mercadorias aumenta, compra-se menos; o comerciante, hipotecado a um sócio, o Estado, que lhe toma o mais evidente de seus lucros, perde o gôsto de desenvolver seus negócios; o Industrial, privado da substância que lhe teria permitido edificar novas usinas, criar novas fabricações, nada mais empreende. O Capital, que não encontra mais as possibilidades de lucros que justifiquem o risco, se retrai e foge; rapidamente, o Estado percebe que as novas taxas de impostos não lhe rendem o que êle tinha descontado e, por falta de imaginação, castiga o contribuinte com taxas ainda mais severas; os mesmos efeitos se reproduzem e mais aumenta o impôsto; quanto mais se reduz a matéria tributável, tanto mais se complicam os problemas financeiros do Estado.

Essa tributação excessiva apresenta outros perigos mais importantes ainda, ela incita o Estado a imiscuir-se cada vez mais nos negócios de cada um, a ponto de o cidadão perder seus direitos de ser maior e de sofrer, cada vez mais, a tutela dos poderes públicos: é cada vez menos um homem livre. Em seguida, quanto mais os negócios particulares devem ao Estado, tanto mais êste é levado a criar serviços para arrecadar; para vigiar, para controlar e o custo de novos funcionários necessita de novos impostos!

É assim que os cidadãos de um mesmo país chegam a compreender duas categorias, de uma parte os que produzem e de outra-os que entesouram e controlam por conta do Estado.

Como a tarefa daqueles que produzem se torna cada vez mais ingrata, à medida que o Estado mais lhes toma, em cada geração mais numerosos são os que querem entrar para a categoria que controla, e o número dos que produzem diminui mais.

É tão rápida a progressão que seriam necessárias poucas gerações, desde que não se mude de métodos, para que todos sejam empregados para assegurar os serviços públicos e para arrecadar os impostos, mas não restará mais ninguém para produzir, para pagar, pois.

Não inventamos; é apenas para observar o que se passou, por exemplo, na Europa, há algumas décadas, para compreender que métodos tão simplistas fizeram suas provas e nada valem; a experiência prova que o Impôsto não pode ser aumentado despropositadamente sem que a matéria taxável diminua; verifica-se, então, que o Impôsto mata o Impôsto.

Tais são os ensinamentos que podemos tirar estudando os métodos e os resultados obtidos pelos Estados cujo restabelecimento era mais difícil, por terem sido direta e gravemente atingidos pelas guerras; êles podem ultimamente servir às outras nações, poupadas pelas guerras, e que experimentam, entretanto, dificuldades para conservar satisfatória situação financeira.

Quando se trata de países sem recursos naturais, chamados comumente países pobres, não é fácil o restabelecimento.

Tratando-se, porém, ao contrário, dos que são ricos "in potentia", isto é, cujas riquezas naturais inexploradas são importantes, o Estado que tem necessidade de aumentar suas receitas, pode facilmente alcançar isso, tomando medidas para que a matéria tributável aumente e nisso será bem sucedido, favorecendo o desenvolvimnto da Indústria, multiplicando as possibilidades de Comércio, encorajando a Agricultura, enfim, restituindo ao solo e ao subsolo uma parte de suas riquezas até aqui improdutivas; certamente vale mais isso do que repetir os erros dos outros e aplicar taxas de Impostos que impedem os mais empreendedores de enriquecer-se, desencorajando as atividades e atemorizando o Capital.

Tomemos o exemplo dos Estados Unidos que, de país modesto, fizeram, num século, o Estado mais poderoso do mundo; pode-se crer que êsse país teria tomado tal desenvolvimento se os Rockefeller, os Fords, os Duponts de Nemours e outros ainda tivessem devido, cada ano, entregar seus lucros ao Estado? Com que teriam êles dado às suas indústrias o progressivo desenvolvimento que fêz a riqueza de seu país?

Sem dúvida, os preguiçosos e os invejosos fazem, em vão, escândalo com fortunas excessivas, mas quem pode, pois, dar o impulso indispensável aos grandes êxitos senão os ambiciosos de valor? E quem se aproveita mais dêsse êxito? Êles mesmos, sem dúvida, e é de justiça; mas também, e principalmente, o conjunto do país que vive de seus felizes empreendimentos.

Assim foi que os Estados Unidos, onde se constituíram as maiores fortunas, há um século, deram a seu povo um poder aquisitivo único no mundo, e que a França não foi tão feliz nunca, em seu conjunto, senão no século XIX e no princípio do XX, período correspondente àquele em que as maiores fortunas se fizeram.

E isso é inteiramente normal; do mesmo modo que a miséria engendra a miséria, assim também a riqueza gera a prosperidade; pois o melhor estimulante para encorajar o homem para trabalhar, é provar-lhe, pelo exemplo, que o trabalho pode enriquecer.

Para voltar aos Estados Unidos, agora que se trata de pagar as guerras e que novos perigos obrigam a preparar outras, o Estado consome uma parte crescente dos benefícios e das rendas de todos os indivíduos e essa parte se torna tal, que, em consequência, diminui visivelmente, cada vez mais, o interesse dos cidadãos em se esforçarem nas suas atividades econômicas. Sem dúvida alguma, os imensos recursos dos E.U.A. lhes permitem fazer face a tal política num prazo incomparavelmente maior do que os demais países. Entretanto, essa política tributária não deixará de contribuir para o retrocesso econômico daquele país — caso ela demore demais. Ao nosso modo

de ver, os empréstimos públicos e os impostos sobre o consumo apresentam uma superioridade incontestada, em comparação com a intromissão do Estado em negócios privados dos cidadãos.

De qualquer modo a orientação seguida atualmente pelos Estados Unidos apresenta, todavia, menos inconveniente para uma nação cuja economia está completamente evoluída, do que em outras que têm necessidade de tôdas as energias, de tôdas as audácias e de tôdas as ambições, para que as fontes naturais que elas detêm, se tornem produtoras de riquezas reais.

Em conclusão às observações que acabamos de fazer e aos ensinamentos que delas tiramos, o problema que se coloca para o Brasil pode resumir-se assim:

Os Capitais mundiais, afugentados por impostos excessivos, receosos dos riscos de nova guerra, procuram, com cuidados, o ponto do Globo em que poderiam encontrar um refúgio seguro, ao abrigo das incertezas políticas e das experiências demagógicas, garantidos por justa remuneração e por possível retôrno a seu país de origem.

O Brasil, por causa da simpátia que goza no mundo, em virtude igualmente de sua situação geográfica que o coloca, provavelmente longe do

próximo teatro de guerra, e graças à imensidade de um território, cheio de riquezas naturais ainda pouco exploradas, reúne as condições ideais para atrair imensos capitais. Bem utilizados, êles permitiriam, em seu desenvolvimento econômico, ganhar vários séculos e a seu povo aproveitar no máximo; circunstâncias tão excepcionais jamais talvez se tornarão a apresentar; seria deplorável não utilizá-las.

Para isso, basta inspirar-se em metodos que deram suas provas, isto é, encorajar o esforço e o espírito empreendedor, achar normal que o homem de ação se enriqueça honestamente e que seu exemplo incite outros a imitá-lo; se, por outro lado, o Estado necessita de um aumento imediato da receita, é desejável que o Brasil continue a sua tradicional política tributária, com preferência reservada aos impostos que oneram o consumo, evitando os erros cometidos por outros países que amedrontam o capital, desencorajam o trabalho empreendedor e suprimem o espírito de iniciativa, tomando assim uma parte excessivamente elevada do rendimento dos negócios privados.

Numa palavra, uma oportunidade excepcional se oferece ao Brasil; para não perdê-la basta apenas Querêr.